

2 ASPECTOS SOCIOECONÔMICOS

José Lincoln Pinheiro Araújo
Nirlene Junqueira Vilela

No Brasil, a cultura do melão (*Cucumis melo* L.) foi implantada comercialmente na década de 60. Até então quase todo o mercado nacional era abastecido por frutos importados, principalmente, do Chile e da Espanha. Neste período as principais áreas produtoras se concentravam nos Estados do Rio Grande do Sul e de São Paulo. Entretanto, por causa de fatores climáticos, a produtividade e a qualidade do produto eram muito limitadas (Dias et al., 1998).

Com o surgimento dos cultivos comerciais na Região Nordeste, a produção brasileira passou a crescer vigorosamente, alcançando, entre 1987 e 1996, um incremento de 366% (Tabela 1). Esse notável aumento se deveu, exclusivamente, à Região Nordeste que multiplicou por seis sua produção neste período, passando de 38 mil toneladas, em 1987, para 230 mil

toneladas em 1996. O aumento foi provocado pela melhoria de produtividade, que teve um incremento superior a 115%, e pelo aumento da área plantada, em 182% (Tabelas 1 e 2). Com esta significativa expansão na oferta do melão, essa olerícola tornou-se um dos mais importantes produtos do agronegócio brasileiro, conquistando espaços cada vez maiores nos mercados nacional e internacional (Nagai, 1990, Dias et al., 1998; Fipe, 1999).

Com base nos dados do IBGE, na safra de 1998, a produção brasileira de melão foi de 177.796 mil frutos em uma área de 13.855 ha. Tais dados confirmam a liderança da Região Nordeste, na cultura do melão, posto que, registra uma produção de 115.232 mil frutos em uma área de 6.437 ha, cifras que correspondem, respectivamente, a 80% e 95% da produção brasileira dessa olerícola.

Tabela 1. Produção (t) brasileira de melão, período 1987-1996.

Região	1987	1988	1989	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996
C. Oeste	2.850	2.560	300	2403	3125	314	264	164	143	171
Nordeste	37.980	44.670	58.060	75.243	106.426	124.080	159.027	149.809	226.791	230.591
Norte	780	860	870	233	66	84	263	384	512	608
Sudeste	5.430	5.510	3.220	3.597	3.815	3.704	3.206	3.755	2.705	3.810
Sul	5.320	5.660	6.380	7.565	6.818	6.629	8.279	8.761	8.751	8.922
Total	52.360	59.260	68.830	89.041	120.250	134.811	171.039	162.873	238.902	244.102

Fonte: IBGE (2000).

Tabela 2. Superfície (ha) cultivada de melão no Brasil, período 1987-1996.

Região	1987	1988	1989	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996
C. Oeste	260	200	70	183	215	50	50	27	31	34
Nordeste	3.980	4.330	4980	5.353	7.331	7.630	9.625	9.402	11.169	11.217
Norte	190	170	170	38	11	15	27	36	41	47
Sudeste	390	380	240	229	291	304	251	248	184	223
Sul	1780	1760	1910	2039	1781	1688	1777	1793	1869	1879
Total	6600	6840	7370	7842	9629	9687	11730	11506	13294	13400

Fonte: IBGE (2000).

A produção brasileira de melão está atualmente concentrada em duas zonas, as quais, no conjunto, são responsáveis por quase 90% da produção desta hortaliça, ambas localizadas na Região Nordeste. A mais importante delas é o pólo meloeiro do RN/CE, que é composto pelo Agropolo de Mossoró e Açu, no Rio Grande do Norte, e pelo Agropolo do Baixo Jaguaribe, no Ceará, respondendo por uma produção anual de cerca de 180.000 t. O outro importante pólo meloeiro do país é do BA/PE, que fica assentado no Agropolo do Submédio São Francisco, abrangendo Pernambuco e Bahia, produzindo anualmente cerca de 40 mil toneladas de frutos (Araújo & Costa, 1997; Dias et al., 1998).

O presente capítulo enfoca basicamente estes dois principais pólos de produção de melão do país.

Pólo do RN/CE - o melão foi introduzido nesta zona no princípio da década de 80, no município de Mossoró, pela Mossoró Agroindustrial S/A - Maisa, empresa que até então somente trabalhava com o cultivo de caju. Para a implantação desta nova atividade, a Maisa contratou descendentes de japoneses, vindos das áreas produtoras do Estado de São Paulo.

No Estado do Ceará, a produção somente teve início no ano de 1988, no município de Jaguaruana, pela Jojoba do Brasil S/A - Jobrasa -, empresa que foi idealizada para a exploração da jojoba. Entretanto, com a inadaptabilidade desta cultura às condições climáticas da região, a Jobrasa mudou sua linha de exploração, passando a trabalhar com cultivos irrigados e tendo como atividade principal o cultivo de melão. Para a introdução desta cultura, a Jobrasa contratou técnicos do Submédio do Vale do São Francisco, área que durante muito tempo comandou a exploração do melão no Nordeste do Brasil (Araújo & Costa, 1997).

A alta luminosidade - cerca de 3.000 hora/ano -, associada a baixos índices de pluviosidade (exceto no período de janeiro a maio, que corresponde à estação de chuvas), a baixa umidade relativa e a inexistência da mosca-da-fruta permitem

produzir melão quase o ano inteiro, nesta zona de produção. Os solos que abundam nesta área são arenosos e o sistema de irrigação predominante utilizado é o gotejamento, por meio do qual é realizada a distribuição dos fertilizantes. Os custos de implantação deste sistema de irrigação variam de R\$ 2.000,00 até R\$ 4.000,00 por hectare, dependendo da área e do grau de automatização. A água utilizada pela maioria dos produtores vem de poços cuja profundidade varia de 800 a 1.000 metros e que produzem de 150 até 300 m³ de água por hora, com vida útil estimada de 15 a 20 anos. A água é conduzida até um tanque, no qual recebe a mistura dos fertilizantes líquidos, e toda a área de plantio está ligada a ele por meio de tubulações subterrâneas (Araújo & Costa, 1997; Dias et al., 1998).

A atividade produtiva nesse pólo de produção de melão apresenta uma diferenciação clara do perfil das empresas produtoras e exportadoras de melões. Existe um pequeno número de empresas de grande porte responsáveis pela maior parte da produção e da exportação do melão desta zona. Essas empresas dispõem de tecnologias sofisticadas para o manejo dos cultivos e possuem *packing-houses* bem equipados para a manipulação do produto. Também realizam suas próprias operações de exportação, atuando também como agentes de exportação para as pequenas e médias empresas. Estas empresas foram as responsáveis pela formação deste pólo de produção, que se consolidou efetivamente na segunda metade da década de 80, por meio da implantação de grandes áreas de produção, apoiadas em financiamentos públicos. Tal procedimento gerou um grau muito elevado de concentração da produção, mas também foi responsável pelo surpreendente incremento da produção e da produtividade que teve o cultivo do melão no País.

Atualmente já se verifica significativa participação das pequenas e médias empresas na produção e na exportação de melão do pólo de produção enfocado. Este

coletivo que antes somente comercializava a produção no mercado interno, repassando seu produto de melhor qualidade para as grandes empresas que o exportavam com sua marca, já está enviando diretamente sua produção para o mercado importador, seja de maneira isolada, seja por meio de grupos informais. Sua infraestrutura de produção não dispõe de recursos tecnológicos sofisticados como as grandes empresas, principalmente no tocante ao processo de manipulação dos frutos. No entanto, apresenta a vantagem de baixos custos de administração (Brindero et al., 1992; Farina, 1993; Dias et al., 1998).

A região cultiva, sobretudo, os melões do tipo Amarelo (híbridos *Gold Mine*, AF 522, AF 646, AF 682), alcançando uma produtividade média de 25 t/ha, que é a mais alta do País. Entretanto, ainda está muito abaixo da média dos cultivos na Espanha, principal produtor e exportador da União Européia. No tocante ao nível de qualidade, o produto atende aos requisitos básicos do mercado internacional, mas está abaixo da média dos principais países exportadores para a União Européia como, Espanha, Israel, Costa Rica e Honduras. Esta situação impede que o melão brasileiro alcance melhor valorização nos maiores mercados consumidores do mundo (Araújo & Costa, 1997; Dias et al., 1998).

A principal característica socioeconômica deste pólo meloeiro é o monocultivo, pois a maioria das empresas ali instaladas cultiva somente o melão. Analisando a importância social e econômica desta exploração para o Rio Grande do Norte, Estado que abarca cerca de 80% da superfície do pólo de produção de melão RN/CE, Pedrosa (1991) registra que as áreas de cultivos de melão geram cerca de 15 a 20 mil empregos diretos. Estes dados são expressivos porque se referem à Região Nordeste, a mais desfavorecida do Brasil, onde os indicadores sociais registram os mais baixos índices.

Nesse pólo (RN/CE), 70% da produção é encaixada e o restante é vendido a granel. A metade da produção encaixa-

da é destinada à exportação, com 90% da produção saindo para a União Européia, e os 10% restantes para os Estados Unidos e o Mercosul. Da outra metade encaixada, cerca de 97% vai para os mercados localizados no Centro-Sul do País (Sudeste, 70%; Centro Oeste, 15% e Sul, 12%), e os 3% restantes são consumidos em nichos de mercados das Regiões Norte e Nordeste. Todo o melão a granel (30% da produção total) é comercializado no mercado local e regional (Dias et al., 1998). Por apresentar maior volume e qualidade, as empresas produtoras de melão deste pólo estão mais articuladas com os grandes mercados consumidores do País do que os produtores da zona do Submédio do Vale do São Francisco. Nestes mercados, principalmente aqueles localizados nas Regiões Sudeste, Centro Oeste e Sul, os distribuidores exigem maior qualidade, tanto de produto como dos serviços a ele incorporados.

Pólo do BA/PE - o melão começou a ser cultivado nesse pólo (Submédio do Vale do São Francisco) em 1965, no município de Santa Maria da Boa Vista, no Estado de Pernambuco. Com a implantação de vários projetos públicos de irrigação, que transformaram este Agropolo numa das principais zonas de produção e exportação de frutas do país, a cultura do melão se intensificou na Região, concentrando-se nos municípios de Petrolina e Juazeiro, onde está localizada a maioria dos projetos públicos de irrigação e também a infra-estrutura de comercialização (Oliveira, 1991; Dias et al., 1998).

O cultivo de melão no vale do São Francisco pode ser realizado durante todo o ano, em virtude das condições climáticas, que apresentam um elevado grau de insolação, altas temperaturas e baixa umidade relativa, fatores que favorecem a concentração dos sólidos solúveis do fruto (Brix). A área também apresenta condições ideais de solo, principalmente na parte correspondente ao Estado da Bahia, no qual predominam os solos calcários com boa drenagem natural.

O sistema de irrigação que predomina nos cultivos de melão é o de sulco superficial, que é o sistema de irrigação utilizado na maioria dos Projetos públicos de irrigação que operam na zona. Toda a água utilizada vem do Rio São Francisco e é muito adequada para a irrigação – com menos de 4 ppm de sódio (Dias et al., 1998).

Neste Agropolo, formado por aproximadamente 120.000 ha de área cultivada com produtos hortifrutícolas, distribuídos em uma dezena de projetos públicos e vários projetos particulares, o cultivo do melão é uma atividade secundária, praticada, sobretudo, por pequenos agricultores assentados nas áreas de colonização dos projetos públicos de irrigação. Tais projetos, que são os responsáveis principais pelo desenvolvimento do Agropolo do Submédio do Vale do São Francisco, apresentam uma parte de sua estrutura produtiva destinada a empresários agrícolas (pequenas, médias e grandes empresas) e uma parte destinada à colonização, na qual são assentados pequenos agricultores (denominados colonos) em parcelas de 6 ha, aproximadamente. Estas pequenas unidades produtivas dedicam-se, geralmente, à exploração de plantas olerícolas e outros cultivos herbáceos, como o feijão, que demandam menores custos de produção, pois se trata de um coletivo pouco capitalizado. Ali o melão é cultivado sobretudo no período de fevereiro a abril e é destinado, fundamentalmente, ao mercado interno. A produtividade média do cultivo é baixa (15 t/ha) e sua qualidade é muito limitada, devido, entre outros fatores, à baixa qualidade das sementes (não utilizam híbridos) e ao inadequado manejo do cultivo.

Até 1987, o Submédio do Vale do São Francisco concentrava a maior produção de melão do Brasil. Entretanto, como a maioria das empresas agrícolas passou a concentrar suas atividades nos cultivos de frutíferas, como uva, manga, banana, coco,

cujos preços eram mais atraentes nos mercados internos e externos, e no cultivo do tomate, em virtude da instalação na região de várias indústrias de pasta de tomate, o cultivo de melão, pouco a pouco, foi perdendo importância (Dias et al., 1998; Cavalcanti, 1997).

Com relação à comercialização, os produtores da região do Submédio do Vale do São Francisco vendem toda sua produção de melão a granel. A parcela destinada ao Centro Sul do Brasil (60% da produção), é encaixada pelo comprador (intermediário). A parte destinada ao mercado local e regional (40% da produção), é transportada a granel, procedimento que concorre para baixar a qualidade do produto. Esta estratégia é utilizada pelos produtores como alternativa para comercializar a produção a custos mais reduzidos, visto que a caixa é o item que mais encarece os custos de comercialização do melão.

Algumas das principais empresas operadoras do mercado europeu de produtos hortifrutícolas consideram que essa é a zona mais propícia para o cultivo de melão em todo hemisfério Sul e sinalizam positivamente sobre a possibilidade de parceria na comercialização do melão ali produzido. Segundo tais empresas há possibilidade de o melão voltar a figurar entre os principais produtos comercializados por esta tradicional zona de exportação de frutas.

Além dos dois pólos meloeiros já descritos, merecem ser citadas como zonas produtoras de melão, com alguma expressão nacional, as microrregiões gaúchas de São Jerônimo, Caxias do Sul, Erechim, Guaporé, Ijuí e Porto Alegre. Nessas zonas que, no conjunto, produzem em torno de 5.400 mil frutos anuais, em uma área de 2.200 ha (IBGE, 2000), a exploração do melão é realizada por pequenos produtores em cultivos que variam entre 1 e 10 ha.